



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

"Como é a Suzy?" Muitas emoções, o amor do pai e Jesus na causa

Autoria: Marco Julián Martínez Moreno (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A partir do work etnográfico realizado com Suzy, uma jovem mulher moradora de um bairro periférico de São Gonçalo (RJ), a qual virou minha assistente de campo entre dezembro de 2019 e março de 2019, busco lançar algumas reflexões sobre a ?vida afetiva? e a ?interioridade? de uma mulher cuja motivação é restaurar a relação quebrada com seu pai através do amor e o afeto. Sem descartar uma aproximação pragmática ou discursiva, busco aqui dar relevância analítica à sensorialidade (feeling, para John Leavitt), à dimensão pré-objetiva (Maurice Merleau-Pointy e Thomas Csordas) ou ao ether transpessoal (Luiz Fernando Dias Duarte e Rachel Aisengart) através da descrição da participação ou mutualidade (Lucién Levy-Bruhl, Marshall Sahlins) na relação entre pai e filha. Suzy é dona de uma trajetória que faz dela uma mulher ?perdida?, ?brava? e ?sem paciência? diante dos olhos do seu pai, seu irmão e o primo. Essas qualidades fazem parte da história que explica a expulsão de Suzy da sua comunidade de origem, em Niterói, após uma acusação de "macumba". Suzy se descreve com esses adjetivos, o que cria um conceito pessoal como uma pessoa ?ruim?, porém, seu ?bom coração? e a sua ?bondade? sempre permanecem como testemunhas silenciosas do seu verdadeiro ser, o qual lhe ajuda a resistir às adversidades. Uma vida no meio do tráfico, violência familiar, consumo de droga e fazendo programa (esporadicamente) ajudam a compor o contexto no qual ?muitas emoções? vão emergindo e se objetivando através de palavras em um diário de campo, que ela escreve como parte do nosso work. ?Só Jesus na causa? é uma expressão por ela utilizada para falar de coisas que saem do controle da Suzy. Essa expressão permite entrever uma cronologia moral e afetiva que permite a



Suzy compreender o motivo da sua "tristeza", "mágoa" e "solidão" do passado, objetivar sua incerteza no presente através da oração e projetar o desejo de uma vida feliz como "crente" e como uma filha que foi perdoada e recriou uma "fusão" marcada pelo amor do pai para sua filha. Argumento que esse desejo faz parte das relações que Suzy estabelece com outros homens: seu namorado e o próprio antropólogo, por exemplo, criando um contraponto às "emoções ruins" de uma vida solitária como mulher que aprende a ser adulta.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: